

## O PAPEL SOCIAL DA MULHER NO CONTO “EVELINE,”

DE JAMES JOYCE

### THE SOCIAL ROLE OF WOMEN IN THE SHORT STORY “EVELINE” BY

JAMES JOYCE

Natalia Cristina de Oliveira<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

Adriana Carvalho Capuchinho<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo estudar a função social da mulher dublinense no início do século XX através da análise do conto Eveline, de James Joyce. Procura-se entender como essa personagem é retratada dentro do contexto histórico-cultural em que as mulheres de Dublin estavam inseridas, apresentar possíveis razões para a total resignação e sacrifício demonstrados por ela ao deixar sua vida de lado para se dedicar totalmente à família, bem como fazer uma relação entre a paralisia pessoal que ela vivencia e o papel da mulher dublinense, com vistas a entender o motivo pelo qual Eveline desistiu de fugir com o namorado para Buenos Aires. A importância de se estudar a obra de Joyce atualmente justifica-se por sua escrita ainda peculiar e o teor irônico-crítico de sua narrativa, transcendendo o tempo e abordando temas que permanecem atuais. De acordo com a análise levantada, entende-se que a figura feminina na sociedade dublinense do início do século XX tem sua conduta gerenciada pela moral católica e pela ética social imposta pela coroa britânica. Também é possível notar a submissão ao homem a que a mulher dublinense está condicionada. Entende-se também que a ambiguidade presente em todo o conto culmina na revelação de que fugir não é possível, posto que não seria uma escolha verdadeira, apenas a repetição da história em outro local. Desse modo, levantamos que, em se tratando de Joyce, sua escrita remete ao entendimento de que sempre há uma nova possibilidade de (re)leitura dos aspectos abordados em sua obra.

**Palavras-Chave:** Mulher, Eveline, Repressão, Sociedade, Joyce.

**Abstract:** This work aims to study the social role of Dublin women in the early 20<sup>th</sup> century through the analysis of James Joyce's short story “Eveline”. It seeks to understand how this character is portrayed within the historical-cultural context in which the women of Dublin were inserted, presenting possible reasons for the total resignation and sacrifice demonstrated by Eveline when leaving her life aside to dedicate herself fully to the family, as well as to build a relationship between the personal paralysis she experiences the role of Dublin women while, at the same time

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras – Língua Inglesa (Universidade Federal do Tocantins – Porto Nacional) e Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins. Email: [natichis89@gmail.com](mailto:natichis89@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Língua Inglesa (DLM/USP), mestre em Antropologia Social (DA/USP). Graduada em Letras Inglês e Português e em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). Docente do curso de Letras - Língua inglesa na Universidade Federal do Tocantins – Porto Nacional. Email: [driowlet@uft.edu.br](mailto:driowlet@uft.edu.br).

understanding the reason why Eveline gave up running away with her boyfriend to Buenos Aires. The importance of studying Joyce's work today is justified by his still peculiar writing and the ironic-critical content of his narrative, transcending time and addressing themes that remain current. According to the analysis raised, it is understood that the female figure in Dublin society at the beginning of the 20th century has its conduct managed by Catholic morality and by the social ethics imposed by the British crown. It is also possible to perceive the submission to the man to whom a Dublin woman is conditioned. It is also understood that the ambiguity present in the whole story culminates in the revelation that running away is not possible since it would not be a true choice, only the repetition of history in another place. Thus, we argue that, in the case of Joyce, his writing refers to the understanding that there is always a new possibility of (re) reading the aspects in his work.

**Keywords:** Woman, Eveline, Repression, Society, Joyce.

## Introdução

Com a cabeça apoiada nas cortinas da janela da sala de sua casa, Eveline observa a rua e os objetos empoeirados que havia limpadado há pouco tempo. A jovem com pouco mais de 19 anos reflete sobre acontecimentos de sua vida: as brincadeiras da infância com seus vizinhos e com seus dois irmãos, Harry e Ernest, no campinho perto de casa, a morte de sua mãe e a difícil relação com o pai, até chegar ao momento centro de sua reflexão. Ela se vê diante de uma escolha definitiva: partir com seu namorado Frank para Buenos Aires, um jovem marinheiro que vive a velejar pelos mares afora, ou ficar em Dublin vivendo sua pacata vida que se resume a cuidar da casa, cuidar do pai e o trabalho na loja da Srta. Gavan. Eveline faz, então, uma viagem introspectiva até passar por um momento de epifania, um dos recursos bastante utilizados por Joyce nos contos de *Dublinenses*. O'Shea (2012) descreve a epifania representada nos contos de Joyce como:

[...] uma manifestação espiritual, uma relação transcendental entre o universo interior e o exterior. Em termos literários, o escritor moderno, capitulando diante da impossibilidade de compreender o caos que o cerca, busca indícios externos que o levem a significados internos. (O'SHEA, 2012, p. 11).

No conto, a personagem feminina é apresentada em um ambiente urbano, na capital Dublin no início do século XX, em uma época em que a Irlanda, colônia da Inglaterra, buscava sua independência e a construção de sua identidade na iminência da Primeira Guerra Mundial. A personagem aqui estudada é controlada pelo meio que a cerca: por um lado, a Irlanda está paralisada diante da força da Inglaterra, sua colonizadora; e, por outro, a Igreja Católica resiste contra o protestantismo imposto pela poderosa força britânica. Eveline também está paralisada diante da repressão e submissão a que era submetida pelo pai. Tolentino (1999) argumenta que “O desejo de Joyce era fazer seus compatriotas, ao

lerem seus contos, se depararem num espelho com a imagem de sua impotência em lidar com a situação de colonizados” (TOLENTINO,1999, p. 112). De fato, Joyce, em uma de suas cartas a Grant Richards em 1906, afirma que: “Minha intenção foi escrever um capítulo da história moral de meu país, e escolhi Dublin como cena porque aquela cidade sempre me pareceu ser o centro da paralisia”<sup>3</sup> (JOYCE, 1966; p. 134, tradução nossa). Joyce, embora não seja explicitamente político, critica a apatia em que seu país se encontra através de seus textos e procura alertar o povo irlandês para o que está acontecendo ao seu redor.

Pierce (2002, p. 6) diz que “O movimento de Joyce é calculado para entreter ao jogar com (mas não para destruir) a ideia de nacionalismo e identidade”<sup>4</sup> (tradução nossa). Tais características são representadas pela personagem de Eveline que busca respostas para seus próprios questionamentos e incertezas. Eveline busca libertar-se da paralisia social que encapsulava os moradores de Dublin, em especial as mulheres dos contos de Joyce, a fim de encontrar sua identidade e libertar-se dos dogmas estabelecidos pela sociedade de sua época.

A importância de se estudar a obra de Joyce atualmente se dá, entre tantas razões, pela riqueza e inovação estéticas de sua escrita, além do teor crítico e irônico que sua narrativa abarca, transcendendo os anos e abordando temas que, apesar de escritos no início do século XX, ainda são tão atuais, como a submissão feminina representada no conto “Eveline”. Segundo Amaral):

Os grandes textos são grandes porque são moventes, porque é impossível enquadrá-los em uma só leitura. Em Joyce, movimento faz lembrar tanto instabilidade – ambiguidade, polissemia – do texto quanto suas propriedades cinemáticas, para não dizer cinematográficas. [...]. Joyce força os limites do ilusório acabamento do texto e prova que o ponto final é apenas uma convenção gráfica. Afinal, um texto não é feito de uma sequência de páginas, mas de movimento, de trabalho estético no qual – se visto de perto – notam-se os traços do rascunho a desestabilizar os sentidos (AMARAL, 2013, p. 9).

Dentro dessa rica estrutura literária desenhada por Joyce, e que se aproxima da ainda recente forma cinematográfica, pretende-se fazer uma breve leitura da narrativa, descrevendo seu espaço, tempo e narrador. Em seguida, pretende-se apresentar uma breve resenha sobre a obra, tecendo uma análise crítica do conto estudado e abordando conceitos

---

<sup>3</sup> My intention was to write a chapter of the moral history of my country and I chose Dublin for the scene because that city seemed to me the centre of paralysis.

<sup>4</sup> Joyce's move is calculated to amuse by playing with (but not destroying) the idea of nationalism and identity.

éticos e morais da época em que a personagem está inserida. Por fim, busca-se aprofundar os estudos da organização da sociedade dublinense a partir do comportamento da personagem no seio dessa sociedade. Nosso aporte teórico se fundamenta em Fagnoli e Gillespie (2006), O'Shea (2012) e Attridge (2004), entre outros, para embasamento da análise realizada.

Por meio do contexto representado no conto, este trabalho entende que a figura feminina na sociedade dublinense do início do século XX tem sua conduta gerenciada pela moral católica, característica identitária da sociedade irlandesa e pela ética social imposta pela coroa britânica, sob a ótica do patriarcalismo. Assim, é possível notar que a mulher é submetida ao homem através da personagem Eveline e das lembranças que ela revela de sua falecida mãe.

## 1. A Narrativa Como Forma de Expressão

A coletânea é composta por quinze contos que estão em uma sequência proposital que revela fases e momentos da vida da sociedade dublinense, portanto, são interligados, ainda que uns mais claramente que outros. O'Shea, partindo da carta de Joyce ao editor Grant Richards (JOYCE, 1966, p. 134) faz uma breve apresentação da organização estrutural da obra e suas particularidades reforçando a perspectiva de paralisia mencionada anteriormente:

Em termos de estrutura, a coletânea de quinze contos pode ser organizada de acordo com quatro aspectos principais – infância, adolescência, maturidade e vida pública -, na seguinte ordem: infância: “As Irmãs”, “Um Encontro”, “Araby”; adolescência: “Eveline”, “Depois da corrida”, “Dois galãs”, “A pensão”; Maturidade: “Uma pequena nuvem”, “Duplicatas”, “Barro”, “Um caso triste”; Vida pública: “Dia de herá na sede do comitê”, “Mãe”, “Graça”, “Os mortos”. Dentro dessa estrutura, destacam-se alguns temas essenciais, e.g., “paralisia”, “vida e morte”, “epifania”. Joyce escolhe Dublin como local dos contos porque, a seu ver, a cidade constitui “o centro da paralisia” da civilização irlandesa (O'SHEA, 2012, p. 3).

Segundo Fagnoli e Gillespie (2006), “Eveline” foi o segundo conto da coletânea *Dublinenses* escrito por Joyce e teve sua primeira publicação ainda em 1904 no jornal *Irish Homestead*, sob o pseudônimo de Stephen Dedalus. No conto, através dos poucos eventos descritos nos parágrafos iniciais, é possível desenhar o perfil da personagem e o cenário em que se passa a história. Encontra-se uma jovem, sentindo-se solitária, totalmente desprotegida no âmbito familiar, sem ter apoio, buscando seu lugar no mundo através da lembrança de momentos importantes vividos por ela com todas as pessoas que considera

fazer parte dessa construção identitária. O espaço, passa do exterior, a rua e seus vizinhos, para o interior (também psicológico), sua casa, onde passou muitos desses momentos importantes dos quais agora faz uma reflexão retrospectiva.

Casa! Correu os olhos pela sala, revendo todos os objetos conhecidos que ela espanava uma vez por semana havia tantos anos, e se perguntou de onde viria tanta poeira. Talvez jamais tornasse a ver aqueles objetos conhecidos dos quais jamais imaginara separar-se um dia (JOYCE, 2012, p. 43).

Além da casa, o espaço é constituído, ao início, pela rua, a qual Eveline observa pela janela, e, ao final, as docas de North Wall, onde ela vai ao encontro do namorado Frank para dali não conseguir embarcar em direção a Buenos Aires com ele<sup>5</sup>.

Fagnoli e Gillespie (2006) falam do tipo de narrador que conta a história vivida por Eveline:

“Eveline” introduz o início da segunda divisão do volume, relatos de adolescência. Também marca a mudança no ponto de vista narrativo da primeira pessoa, que caracterizou as três primeiras histórias, para a terceira pessoa, que informará o discurso para o restante da coleção.<sup>6</sup> (2006, p. 52, tradução nossa).

O narrador é onisciente, locado no fluxo de consciência de Eveline. As informações dadas para o leitor são limitadas, uma vez que este tem acesso apenas ao que Eveline se permite dar forma e o narrador escolhe informar. Por exemplo, não há informações sobre a aparência física de Eveline, apenas algumas características subjetivas informadas pelo narrador. Attridge (2004) fala da recepção e da primeira impressão do leitor ao se deparar com a narração feita pelo narrador de terceira pessoa no conto:

A sentença inicial da história, de fato, nos apresenta um narrador com um estilo identificável: “Ela sentou-se à janela assistindo a noite invadir a avenida”. A falta de qualquer fórmula introdutória de contador de histórias, o inespecífico “ela”, o passado simples de “sentar”, o uso de um registro poético distintivo pela metafórica “invade”, os sons padronizados (“noite”, “invade”, “Avenida”) – todos estes anunciam o realismo elevado da tradição dominante de ficção do final do século XIX, e a posição econômica do conto convencional. Mas o estilo da passagem que estamos examinando é marcadamente diferente, seus ritmos sem graça, suas metáforas mortas, sua dicção comum. Reconhecemos um dispositivo novelístico familiar: o estilo do narrador deu lugar a um que imita os padrões de fala e pensamento da personagem<sup>7</sup> (ATTRIDGE, 2004, p. 5,

<sup>5</sup> Segundo Fagnoli e Gillespie (2006, p. 53) um vapor saía rumo a Liverpool de Northwall todas as noites. Eveline e Frank pretendiam partir para Buenos Aires de Liverpool, pois os autores detectaram que havia um vapor que partia para a costa do Pacífico do Canadá e dos EUA todas as quintas-feiras, parando em portos da América do Sul, como Rio de Janeiro e Buenos Aires.

<sup>6</sup> “Eveline” introduces the beginning of the volume’s second division, accounts of adolescence. It also marks the shift in narrative point of view from the first person, which characterized the first three stories, to the third person, which will inform the discourse for the remainder of the collection.

<sup>7</sup> The story’s opening sentence has, in fact, introduced us to a narrator with an identifiable style: ‘She sat at

tradução nossa).

Attridge (2004) afirma que, mesmo contendo um narrador identificável, nota-se a irreverência de Joyce com alguns elementos textuais que tornam o conto diferenciado por sua simplicidade e, ao mesmo tempo, riqueza de recursos metafóricos e de sua dinâmica de escrita, como se observa no trecho de apelo sonoro: “ela ouviu seus passos estalando na calçada de concreto e depois rangendo no caminho coberto com cascalho em frente às casas novas e vermelhas” (JOYCE, 2012, p. 43). Attridge continua seu pensamento discorrendo sobre a facilidade em transformar esse narrador de terceira pessoa em primeira pessoa, fundindo o narrador com os pensamentos da personagem, transformando-os em praticamente um.

Além do medo, outra problemática levantada no conto é a subserviência financeira de Eveline ao pai, posto que, a despeito de estar empregada e ganhar seu próprio dinheiro, tinha de entregar todo o salário, já bem reduzido, para seu pai e depender dele para suas despesas. Segundo Gifford (1982) muitas mulheres que trabalhavam precisavam entregar seus poucos ganhos à família por um estado de pobreza e, desse modo viviam esse dilema, pois não tinham condições de serem independentes financeiramente. Por outro lado, o autor destaca que sete xelins semanais, na época, era valor de pobreza, mas o pai recolhia seu dinheiro para controlá-la e por seu vício em álcool, mas não porque a família vivesse em grande pobreza. O fluxo de consciência de Eveline nos mostra que o pai tem uma resposta prontamente construída para justificar o que faz com a filha:

Ele dizia que ela desperdiçava dinheiro, que não tinha juízo, que não lhe daria seu dinheiro suado para ser jogado fora, e dizia muito mais, pois geralmente ficava em péssimo estado nas noites de sábado. Afinal, ele acabava dando-lhe o dinheiro e perguntava-lhe se pretendia comprar as provisões para o jantar de domingo. Então ela era obrigada a sair correndo para o mercado, segurando firme a bolsa preta de couro enquanto abria caminho na multidão com os cotovelos, e voltava para casa tarde carregada de pacotes. (JOYCE, 2012, p. 44).

O pai de Eveline era autoritário, rígido com a filha pelo simples fato de ser uma mulher, tratando-a diferentemente dos seus dois outros filhos mais velhos, ambos homens.

---

the window watching the evening invade the avenue.’ The lack of any introductory story-teller’s formula, the unspecific ‘she’, the simple past tense of ‘sat’, the use of a distinctive poetic register signaled by the metaphorical ‘invade’, the patterned sounds (‘evening’, ‘invade’, ‘avenue’) – all these announce the heightened realism of the dominant tradition of late nineteenth-century fiction, and the economical exposition of the conventional short story. But the style of the passage we are examining is markedly different, its rhythms graceless, its metaphors dead, its diction commonplace. We recognize a familiar novelistic device: the narrator’s style has given way to one that mimics the speech and thought patterns of the character.

Ela obedecia ao pai, não por respeito ou admiração, mas porque o temia, posto que sua mãe, a única pessoa que a protegia, estava morta havia vários anos. Ela tinha de lidar com o medo que sentia de seu pai porque não tinha mais ninguém a quem recorrer e não podia manter-se sozinha.

Mesmo agora, que estava com mais de dezenove anos, sentia-se às vezes ameaçada pela violência do pai. Sabia que tinha sido isso a causa daquelas palpitações. Quando eram crianças ele nunca havia batido nela, conforme batia em Harry e em Ernest, porque ela era menina; mas ultimamente passara a ameaçá-la e a dizer o que faria com ela não fosse a lembrança da mãe falecida. E agora não havia mais quem a protegesse. (JOYCE, 2012, p. 44).

Mas a esperança de partir e constituir uma nova vida onde haveria estabilidade e libertação, a acalmava e fazia a pobre garota aguentar o medo que sentia do pai, pois “Estava prestes a explorar uma outra vida ao lado de Frank. Frank era muito gentil, másculo, sincero. Concordara em fugir com ele na barca noturna para tornar-se sua esposa e viver ao seu lado em Buenos Aires onde uma casa a esperava” (JOYCE, 2012, p. 45). Eveline buscava a libertação e acreditava que o casamento seria a saída para encontrar o que procurava. Essa frase revela a vontade de Eveline em ser uma boa esposa e ter um bom marido, que fosse amável, doce e a respeitasse. Na verdade, ela queria receber o carinho que não teve de seu pai durante toda a sua vida, queria ter um homem que a protegesse e cuidasse dela, uma vez que seu pai não cumpriu esse papel. Eveline queria uma boa referência masculina em sua vida e depositou em Frank a esperança de concretizar tal desejo. Ela sonhava com um casamento ideal nos padrões da sociedade do período. O casamento se configurava como a única saída possível, exatamente como ocorre com tantas mulheres jovens em situações de violência física ou psicológica.

Eveline imagina que teria uma vida solitária, injusta e opressiva ao lado do pai, e, por isso o desejo de se casar e ter uma família na primeira oportunidade que lhe aparece, ainda que nem sequer amasse Frank. Todo o tempo se coloca que ela não está prestes a fugir por Frank, mas fugir de sua condição. Defronta-se com uma encruzilhada: por um lado está acomodada com o dia a dia de sua pacata rotina em Dublin com sua família e seu emprego em que tem feito sempre a mesma coisa todos os dias. Ela ainda tinha o que comer, o que vestir e onde morar. Ela tinha uma vida sem grandes acontecimentos e muito trabalho, mas ainda tinha algo concreto em que pudesse se firmar. Observa-se que ela havia concordado em partir com Frank, mas não havia decidido de fato.

Ela havia concordado em partir, em deixar a própria casa. Teria sido uma decisão sensata? Tentou avaliar cada lado da questão. Em casa ao menos tinha um teto e comida; estava cercada de pessoas que conhecia desde criança. É claro que a rotina era pesada, tanto em casa quanto no emprego. (JOYCE, 2012, p. 44).

Mas no alto da adolescência, período de buscar mudanças, Eveline tinha a oportunidade de viver uma grande aventura, poderia explorar uma nova vida, vivenciar novas experiências e ter uma família como ela tanto almejava. Entretanto, em seu interior, havia a inquietação quanto a concretização de tal sonho, posto que atravessaria o oceano com um homem que mal conhecia, um viajante nato que não possuía teto fixo, indo em direção a um lugar cuja língua local ela sequer conhecia. Pulsava dentro dela a incerteza da consolidação da promessa de Frank.

Eveline pode parecer covarde ao voltar atrás em sua fuga com Frank, mas analisando o contexto em que ela está inserida pode-se entender e, até mesmo, aceitar, tal decisão que para muitos é incompreensível: ela nunca experimentou outro tipo de situação. Aquela era a vida que conhecia. Existe outro ponto importante que deve ser destacado: nem todos querem mudar suas vidas simplesmente porque parecem ser entediadas. Além disso, ela poderia estar apenas trocando uma situação de subjugação por outra, agravada pelo local e língua desconhecidos e total falta de conexões pessoais na Argentina. Não eram e ainda não são raras as situações em que mulheres deixam seus lares opressores para viver com um companheiro para rapidamente perceberem-se em novas situações de opressão e, no caso de fugirem para tal, ainda sempre arrastarão esse estigma. Demonstraremos a problemática da falta de alternativa de Eveline nas constantes ambiguidades do conto.

## **2. A título de oráculo: *Derevaun Seraun!***

A mãe de Eveline parecia saber do destino que aguardava pela filha, pois ela já tinha vivido o bastante para entender que as mulheres tinham seu espaço determinado pela sociedade e que, uma vez dentro desse espaço, era difícil sair e quebrar as regras. Portanto, ela demonstrou, em seu leito de morte, a preocupação com o destino diferente do seu para sua filha ainda muito jovem. Ela diz a Eveline a frase “*Derevaun Seraun!*” repetidas vezes. Tigges (1994) compara dois autores que traduzem e dão significado para a frase no conto quando a personagem reflete sobre o momento da morte de sua mãe motivada pela triste música do realejo na rua. Tigges observa que Patrick Henchy acredita tratar-se de uma



modificação do Gaélico que significa “The end of the pleasure is pain”, ou seja, “o fim do prazer é a dor”, enquanto para Roland Smith seria uma modificação do irlandês que significa “The end of the song is having madness” que em português seria “O fim da canção é o enlouquecimento”.

Tigges conclui que, de todo modo, as duas traduções podem ter a mesma leitura, cada uma dita de maneira diferente. Entendemos também pela sensação da recordação de Eveline que, ao final dos bons momentos, há sofrimento. A recordação da frase é de suma importância para entender o motivo pelo qual Eveline desiste de embarcar com Frank, pois resume todo o enredo do conto. Eveline em um primeiro momento é levada pela esperança de ter um destino diferente de sua mãe ao acreditar que fugir com Frank seria a única e melhor opção para ter sua libertação. Contudo, ao refletir melhor, entendeu que a ponderação era a melhor escolha a ser feita, porquanto, sua aventura poderia lhe custar muito caro se nada do esperado acontecesse, algo que se configurava muito provável. Parecia ser um aviso de sua mãe, mas Eveline recusava-se a segui-lo:

Lá embaixo na avenida ela ouvia um realejo tocando. Conhecia a canção. Estranho que o realejo surgisse ali naquela noite para lembrá-la da promessa que fizera à mãe, da promessa de manter o lar unido enquanto pudesse. Lembrou-se da noite em que a mãe morrera; era como se estivesse novamente no quarto fechado e escuro do outro lado do *hall* [...] (JOYCE, 2012, p. 46).

Ouvindo uma melancólica canção que vinha da rua por um realejo, como na noite em que a mãe morrera, enquanto ainda estava apoiada na cortina da janela, Eveline se lembrou do semblante triste e desamparado da mãe.

Enquanto divagava a visão deplorável da vida que a mãe levava *tocou-a*<sup>8</sup> no fundo do ser – uma vida de sacrifícios banais culminando em loucura. Estremeceu quando voltou a ouvir a voz da mãe repetindo com desvairada insistência: - “Derevaun Seraun! Derevaun Seraun!”. (JOYCE, 2012, p. 46, grifo nosso).

Pode-se notar que aquela imagem deplorável em sua mente parecia amaldiçoar o âmago de Eveline a uma vida de sacrifícios a findar em loucura. Ela, a partir dessa lembrança, aterrorizou-se e decidiu fugir da maldição. Eveline buscava fugir de ter o mesmo destino de sua mãe: uma vida inteira dedicada aos cuidados dos outros sem poder ser quem ela quisesse de verdade, sem realizações pessoais e sem ter algo em que se amparar. Logo

---

<sup>8</sup> Entretanto, o originalmente usado por Joyce é “*laid its spell*” que pode ser traduzido por “jogou sua maldição”, o que se relaciona claramente ao sentido atribuído a “Derevaun Seraun”. O trecho completo é: “As she mused the pitiful vision of her mother's life *laid its spell* on the very quick of her being—that life of commonplace sacrifices closing in final craziness.” (JOYCE, 2005, p. 34)

depois da triste lembrança da morte de sua mãe, ela tenta se apegar à única esperança que tem de ser salva de toda essa vida de resignação e vai ao encontro de Frank:

Levantou-se num sobressalto de pavor. Fugir! Precisava fugir! *Frank a salvaria*. Daria uma vida a ela, *talvez, até amor*. E ela queria viver. Por que haveria de ser infeliz? Tinha direito à felicidade. Frank a tomaria nos braços, a envolveria em seus braços. *Ele a salvaria*. (JOYCE, 2012, p. 46, grifos nossos).

Logo após esse nostálgico momento de lembranças da mãe, Eveline corre em direção à estação North Wall, onde Frank a esperava para seguirem viagem rumo a uma nova vida. Frank seria sua única esperança, mesmo que eles ainda não se amassem *profundamente*, ela sentia que deveria seguir em frente. Porém, a lembrança das palavras de sua mãe borbulhava em seu interior. Então, ao chegar à estação e olhar para Frank gritando seu nome e chamando-a para partir com ele, Eveline agarrou-se no balaústre da estação e negou-se a partir com seu namorado. “Todos os mares do mundo agitavam-se dentro de seu coração. Ele a estava levando para esses mares: *ele a afogaria*. Ela se agarrou com ambas as mãos às grades de ferro” (JOYCE, 2012, p. 47, grifo nosso). Frank gritava seu nome exaustivamente, mas Eveline temia as consequências de sua aventura, então, com todas as suas forças negou-se a ir embora. “Não! Não! Não! Era impossível. Suas mãos agarravam-se ao ferro em desespero. No meio dos mares ela deu um grito de angústia!” (JOYCE, 2012, p. 47). Neste trecho percebe-se a voz da personagem, uma soma de angústia, desespero e súbita paralisia ao deparar-se com a real possibilidade de fuga, uma vez que ela havia apenas planejado e imaginado sua partida até então. A iminência de concretização da fuga, de abandonar tudo por uma nova vida ao lado de um quase desconhecido em um local do outro lado no mundo causou um momento de *revelação*. Ela deixou de ver um herói para ver um algoz. Ela já havia sido tocada pela lembrança da mãe como que lhe lembrando de uma maldição e começava a sentir que não havia uma escolha melhor. Na verdade, parecia não haver escolha alguma de fato. Caso ela fosse, continuaria depositando seu destino nas mãos de outro homem, continuaria a depender de um homem.

As frases grifadas acima representam a dualidade de sentimentos, pois, em um determinado instante Eveline acredita que Frank seria seu salvador (“Ele a salvaria”), porém, logo após defrontar-se com a imagem de Frank, ela imagina que em outro país ao lado dele poderia vivenciar a mesma situação que experienciava ao lado de seu pai, pois, mesmo que ela fosse para Buenos Aires com Frank, ela se casaria e continuaria tirando a poeira dos móveis da casa, iria fazer as compras e carregaria sacolas pesadas, não poderia usufruir de seu próprio dinheiro mesmo que trabalhasse, ou seja, estaria indo para o outro

lado do oceano para viver da mesma maneira que vive em Dublin, e ainda longe de tudo que conhecia. Ela continuaria subordinada às ordens e aos humores de um homem. Assim, “ele a afogaria” como seu pai a afoga no mar da subjugação familiar, portanto, ela se nega a ir com Frank para Buenos Aires, apesar de parecer contraditória à decisão primeira de ter “concordado” com a fuga.

Giachini Neto e Limoli chamam a atenção mais uma vez para a interferência do narrador e explicam que:

Durante toda a história há uma onisciência total do narrador e o foco da narrativa é direcionado tanto para o espaço exterior, quanto para a memória de Eveline (espaço interior). Todavia, no final do conto, o enunciador, subitamente, muda o foco narrativo para a perspectiva interna de Frank que, olhando nos olhos de Eveline, parece nem mesmo reconhecê-la. Percebe-se, nos últimos parágrafos do texto, que o enunciador abandona a onisciência que é característica principal de sua narração, e camufla ao leitor o motivo que levou Evvy a não fugir com Frank. Os olhos de Eveline funcionam, então, como uma espécie de espelho que refrata qualquer olhar curioso que pretenda compreender o porquê do medo e da dúvida que a fizeram mudar de idéia e retroceder em seu plano inicial de partida (GIACHINI NETO; LIMOLI 2003, p. 2).

Essa mudança de enunciação pode ser representada na fala do narrador na sentença final do conto, “Seus olhos não demonstraram qualquer sinal de amor ou adeus ou *reconhecimento*”. (JOYCE, 2012, p. 47). Através do ponto de vista do narrador é possível avaliar que Eveline paralisa-se perante a possibilidade de sair de seu país, desligar-se de sua cultura, suas crenças construídas durante toda sua vida, em súbito desespero agarra-se ao balaústre da estação e pressente que algo de mal acontecerá se decidir embarcar nessa aventura, ainda que saiba que permanecer também seja ruim.

### 3. Histórias entrelaçadas

Dom Gifford (1982) faz uma lista com algumas palavras, frases e menções a obras e lugares relacionadas aos contos de *Dublinenses*, para que o leitor possa compreender melhor o sentido de cada uma delas. Gifford, dentre vários pontos importantes do conto “Eveline”, faz uma breve apresentação sobre a opereta *A Jovem Boêmia* que é retratada por Eveline como um momento especial de encontro com Frank.

Com que nitidez se recordava da primeira vez em que o vira; ele alugava um quarto numa casa na avenida que ela costumava frequentar. Tudo parecia ter acontecido há apenas algumas semanas. Ele estava parado no portão, com o boné no alto da cabeça e o cabelo despenteado caído sobre o rosto bronzeado. Então começaram a se conhecer. Ele costumava esperá-la todas as noites à porta da loja para acompanhá-la até em casa. Levou-a para assistir *A jovem boêmia* e ela ficou radiante por sentar-se ao lado dele num setor do teatro onde não costumava ficar. Ele adorava música e tinha uma voz razoável.

As pessoas sabiam que os dois estavam namorando e, quando ele cantava a canção sobre a jovem que amava um marinheiro, ela sempre sentia um agradável acanhamento. (JOYCE, 2012, p. 45).

*A Jovem Boêmia* é uma opereta de três atos de M. W. Balfe e libreto de A. Bunn com primeira montagem em 1843. A obra conta a história de Arlene, filha de um conde que foi raptada pelo cigano Thaddeus quando criança após um desentendimento do cigano com o nobre. Para vingar-se Thaddeus acaba raptando Arlene. Com o passar dos anos os dois acabam se apaixonando. Alguns anos se passam e o conde, pai de Arlene, a reconhece em uma festa em seu palácio, leva sua filha de volta, perdoadando o cigano por tê-la roubado e concede a mão de Arlene em casamento para Thaddeus.

Eveline romantizava a violência vivida por Arlene, vendo-se de alguma forma romanticamente sendo raptada por Frank também, os dois partiriam sem o consentimento do pai da moça. Ele a levaria para longe de sua casa, longe da redoma de vidro construída pelo pai de Eveline para mantê-la distante dos olhares do mundo e, assim como na ópera, Frank desentende-se com o pai de Eveline, “O pai dela, é claro, descobrira o namoro e a proibira de sequer dirigir-lhe a palavra. - Conheço bem esses marinheiros – ele disse. Um dia o pai discutira com Frank e a partir de então ela fora obrigada a encontrar-se com o namorado às escondidas” (JOYCE, 2012, p. 43). O pai de Eveline acredita conhecer as intenções de Frank em relação à filha, e sua fala, pelo menos ao que parece, é de repreensão ao que o rapaz pode vir a fazer a ela. A sua maneira, o pai de Eveline parece aconselhar a filha, dizendo-lhe que muito provavelmente viria a se arrepender, posto que os marinheiros eram conhecidos por não serem constantes em seus relacionamentos. Caso isso acontecesse, Eveline buscaria o perdão do pai, porém sem Frank ao seu lado, seu futuro estaria comprometido na tradicional sociedade irlandesa do início do século XX. Por isso, Eveline sonhava que ela e Frank teriam o perdão do pai, assim como Arlene e Thaddeus foram perdoados pelo conde.

Frank e Thaddeus também têm algumas características semelhantes, os dois são viajantes, sem parada, sem referência fixa. O cigano e o marinheiro, duas ocupações que demandam um espírito aventureiro e nômade. As duas jovens, tanto Eveline quanto Arlene, têm a missão de entender e habituar-se a esse espírito desapegado e sem estação.

A opereta também é mencionada em outro conto de *Dublinenses*. Um dos cantos do ato 2, *Sonhei que morava*<sup>9</sup>, aparece no conto “*Barro*” em que a personagem principal Maria é uma mulher de meia idade, sozinha e resignada a cuidar dos outros. A relação entre ambas é colocada pelo fio condutor da opereta. Maria é bem mais velha que Eveline e seu tipo físico é posto de maneira a estereotipar Maria como uma mulher feia, quase grotesca, mas que apesar da aparência “desajeitada” era amada por todos que a conheciam por ser dócil e sempre prestativa:

Maria era uma mulher de estatura baixa, bem baixa, mas tinha um nariz bastante comprido e um queixo bastante comprido. Sua voz era um pouco nasalada, e falava sempre com amabilidade: *Sim, querida e Não, querida*. Sempre era chamada a intervir quando as mulheres discutiam por causa das tinas de lavar e sempre conseguia apaziguá-las. (JOYCE, 2012, p. 94).

O sonho da garota citado na música da opereta pode representar o sonho que Maria teve um dia, quando jovem, e o sonho que Eveline tem quando imagina fugir com Frank e viver uma vida totalmente diferente da que ela tem naquele momento morando com seu pai.

Maria não se casou e vive para cuidar dos outros. Assim como Eveline, Maria teve seu destino traçado de não protagonismo de si mesma. Podendo ir além, arriscamos dizer que Maria pode ser a Eveline de amanhã, pois a perspectiva de um futuro diferente para a jovem que sonha libertar-se da submissão e repressão do pai, aparentemente, não será consolidada.

Gifford (1982) destaca que a proporção de mulheres não casadas sobe de 47,7% em 1881, progressivamente, após a Grande Fome, para 52,7% em 1901. Desse modo, Frank ofereceria a Eveline o que seria exceção, uma perspectiva que dificilmente se concretizaria em Dublin. Maria seria a regra, a mulher que se volta para o cuidado da família, seja dos pais, irmãos ou sobrinhos e cumpre uma das poucas profissões possíveis às mulheres seguindo para uma velhice incerta.

#### **4. A Construção de Identidade Através das Relações Sociais**

O conto “Eveline” apresenta uma mulher, jovem, inserida em um contexto social em que as mulheres deveriam ser boas esposas, boas mães e boas filhas o que significava que tinham a obrigação de se casarem e serem dóceis e compreensíveis com seus maridos

---

9 I dreamt that I dwelt (Tradução de José Roberto O’Shea).

ou permanecerem solteiras, tornando-se cuidadoras de membros da família (pais, irmãos, sobrinhos), como demonstramos, especialmente após a Grande Fome. (GIFFORD, 1982). Em meio a esse ambiente modorrento não eram apenas as mulheres que estavam em busca de mudança, mas a sociedade como um todo. Lee Spinks (2009) diz que:

É tentador discernir um imenso significado na coincidência da publicação desta coleção de histórias enigmáticas, elípticas e surpreendentemente "modernas" com os momentos do início da Primeira Guerra Mundial, que pareciam marcar uma permanente ruptura entre o "velho" mundo das hierarquias sociais eduardianas<sup>10</sup> e um "novo" mundo sem nome esperando para nascer.<sup>11</sup> (SPINKS, 2009, p. 48, tradução nossa).

A alienação social é pungente em toda sociedade dublinense da época, dada a acomodação a tudo que acontecia ao seu redor. Era melhor fingir que não se via o que estava acontecendo, pois, eximir-se de qualquer culpa sobre a inércia vivenciada pelo país era uma situação mais cômoda do que encarar a realidade e tentar mudá-la. A estagnação econômica exigia uma postura por parte dos habitantes da cidade, mas poucos tinham a coragem de ir contra o sistema já imposto pela coroa britânica e contra a moral católica<sup>12</sup>. Eveline buscava essa coragem de mudar sua realidade. Para entender melhor o momento em que o conto foi escrito e essa busca por mudança, Tolentino (1999) afirma que:

James Joyce, um irlandês auto-exilado no continente europeu, a partir de 1904, desde os 22 anos, escreveu e publicou a maioria de seus livros no período em que a Irlanda se constituía como uma nação soberana, conseguindo a independência de vinte e seis de seus condados em 1921. (TOLENTINO, 1999, p. 2).

Entretanto, *Dublinenses* foi escrito em um momento anterior à Primeira Guerra Mundial e, além disso, o povo dublinense lutava ainda para adquirir sua independência em momentos constantes de embates e de caos no país. A Irlanda estava paralisada perante a poderosa força britânica. Tolentino (1999, p.5) afirma que “a obra de Joyce não é assim de cunho abertamente político”, uma vez que Joyce nunca participou diretamente de ações políticas ou militantes em seu país e afirma também que:

Embora a produção de Joyce não lide diretamente com o tema das revoluções irlandesas

---

10 Refere-se ao período eduardiano (1901 - 1910); com a morte da rainha Vitória seu filho Eduardo VII assume o trono. A época foi marcada por grandes mudanças na política e em setores da sociedade antes esquecidos pela monarquia, como por exemplo, os trabalhadores e as mulheres.

11 It is tempting to discern an immense significance in the coincidence of the publication of this collection of enigmatic, elliptical and startlingly ‘modern’ stories with the momentous beginnings of World War One, which seemed to mark a permanent rupture between the ‘old’ world of stolid Edwardian social hierarchies and a nameless ‘new’ world still waiting to be born.

12 Esta era tida como forma de resistência e identidade do povo irlandês contra o protestantismo imposto pela coroa britânica.

ou com a guerra que sacudiu a Europa entre 1914 e 1918, seria impossível a um irlandês, tão ligado às questões de irlandesidade, deixar passar ao largo de sua obra os turbilhões e mudanças que ocorriam em sua terra natal nessa época. Apesar de suas histórias não falarem de guerras e revoluções, uma leitura mais minuciosa pode enxergar em seus textos, principalmente levando-se em conta a sua ironia, sua preocupação com as questões que sacudiam o país na época. (TOLENTINO, 1999, p. 2).

As dificuldades enfrentadas pela sociedade irlandesa dessa época são retratadas de maneira irônica e aberta por Joyce em seus contos. Eveline representa a mulher que está sufocada com essa carga de paralisia a que está submetida, sente que precisa sair dali e ir para um lugar em que possa respirar paz e estabilidade. Parece que, finalmente, ela acorda para o que está acontecendo ao seu redor, busca sair dessa inércia que presencia, mas, ao mesmo tempo, está presa aos conceitos morais de sua época, posto que, mesmo em meio a tantos conflitos, preocupa-se com o que seus conhecidos pensarão se fugir com seu namorado.

O que diriam na loja quando descobrissem que ela fugira de casa com um sujeito qualquer? Que era uma idiota, talvez; e sua vaga seria preenchida através de um anúncio no jornal. Miss Gavan ficaria satisfeita. Sempre implicara com ela, especialmente quando havia gente em volta. (JOYCE, 2012, p. 44).

Esse peso moral impulsionado pela sociedade dublinense influencia, de uma certa forma, na decisão de Eveline de ficar em sua cidade, a questão pode ser interpretada da seguinte forma; Eveline tinha receio do que as pessoas que a conheciam pensariam se sua fuga fosse malsucedida, a sociedade não perdoaria uma “moça de família” que deixou o seu lar, deixou de cuidar do pai, como as “boas filhas” devem fazer, para se aventurar em um país distante com um rapaz quase desconhecido por ela. Sua preocupação residia no julgamento dessas pessoas que não a perdoariam, principalmente seu pai, Além disso, temia ser rechaçada e isolada caso, de fato, precisasse voltar para Dublin.

Sawyer (1993) faz um apanhado geral da história da mulher irlandesa desde os primórdios de sua civilização até momentos mais atuais. Dentre seus comentários Sawyer (1993, p. 71) enuncia sobre as filhas na família irlandesa: “A posição das filhas na história da Irlanda tem sido colocada à margem ou mesmo excluída totalmente”<sup>13</sup>. Exatamente o dilema sofrido por Eveline, pois ela jamais teve o mesmo tratamento que seus irmãos homens por parte do pai: seu pai era rígido com ela na infância e mesmo depois de ter seu trabalho ela era ainda explorada por seu genitor.

---

13 The Daughters’ position in Irish history has been pushed to the edge of the stage or even left out altogether.

Bulson (2006) refere-se à sociedade irlandesa da época como extremamente rígida e limitada, contextualizada nos contos integrantes da obra *Dublinenses*. Acentua ainda que Joyce culpa o império britânico e a igreja católica pela paralisia e inferioridade da Irlanda no início do século XX. Essas duas grandes forças ditavam as regras que a sociedade deveria rigidamente cumprir:

Ainda era uma colônia do Império Britânico, e quando a Igreja Católica Romana ainda tinha um enorme impacto sobre a vida religiosa, social e política. Joyce responsabilizou estas duas forças pelo atraso e pela inferioridade de Dublin. Se a Igreja Católica tinha as almas de Dublin em seu comando, então o Império Britânico tinha forçado essas mesmas almas à submissão política e econômica. (BULSON, 2006, pag. 33, Tradução nossa).<sup>14</sup>

Tindall (1995, p.14) diz que “Faltando em ação óbvia, talvez, as histórias de *Dublinenses* revelem situações humanas, momentos de intensidade. Cada um se move em direção a uma revelação espiritual, moral ou social”<sup>15</sup>. Esses momentos de intensidade citados por Tindall (1995) podem representar a epifania vivenciada por Eveline, pois ela inicia um percurso de descoberta de si mesma, faz uma reflexão sobre todos os momentos importantes de sua vida e desencadeia um processo de construção de sua identidade em passagem para a vida adulta. Tenta fugir dos dogmas impostos por essa sociedade estagnada pela conduta moral, social e ética imposta pela Igreja Católica e pelo Império Britânico, mas, aos 19 anos, todos esses conceitos já estão encarnados em seu ser e impedem que sua vontade de sair da inércia seja concretizada através de sua fuga com Frank. Giachini Neto e Limoli apontam para a ambiguidade de sentimentos que levam Eveline a não conseguir se desligar de toda essa carga moral que carrega consigo:

No caso de Eveline, a dualidade de sentimentos é bastante nítida: quando pensa que entrará em conjunção com outros valores, que são novos em relação aos que ela cultivava em casa, a jovem anima-se. Mas quando pensa que terá que entrar em disjunção dos valores familiares, ela desiste de recomeçar sua vida, porque não tem competência para operar essa mudança. (GIACHINI NETO;LIMOLI, 2003, p. 1).

Por outro lado, ao delegar a Frank a tarefa de salvá-la dessa vida sem perspectiva e sob o controle familiar, ela delega a outro homem a ação transformadora que deveria ser sua. Ainda que fugisse com Frank, o elemento condutor de sua decisão seria a mesma

---

14 It was still a colony of the British Empire, and when the Roman Catholic Church still had an enormous impact on religious, social, and political life. Joyce blamed these two forces for Dublin’s backwardness and inferiority. If the Catholic Church had the souls of Dublin in its grip, then the British Empire had forced these same souls into political and economic submission.

15 Lacking in obvious action maybe, the stories of *Dublinenses* disclose human situations, moments of intensity. Each moves toward a moral, social, or spiritual revelation.



moral provinciana que já viva na Irlanda, ou seja, ela queria casar-se e constituir uma família sua para cuidar. Para tal, depositava em Frank todas as esperanças, pois tudo dependeria dele. Nesse sentido, ela realmente não tinha qualquer escolha.

### **Considerações finais**

As mulheres irlandesas, especificamente as mulheres da capital Dublin, em meio a um momento delicado vivenciado pelo país, sofreram influência do meio social ao qual pertenciam, os conceitos morais, éticos e sociais regidos pela Igreja Católica e pela potência britânica, colonizadora que buscava impor sua cultura e religião ao povo irlandês. A representação feminina exposta por Joyce no conto estudado é reflexo desse período, a mulher que, mesmo trabalhando e tendo seu próprio salário, é refém do patriarcalismo aqui representado pelo pai da personagem principal.

Eveline representa a mulher que mesmo tendo um forte anseio por libertar-se dos paradigmas impostos pela sociedade de sua época, não consegue livrar-se de toda essa carga cultural e moral, todos esses aspectos aqui citados contribuíram para a recusa de Eveline em fugir com Frank para Buenos Aires, e mais, contribuíram também para a formação de sua identidade pessoal.

Vê-se que a subjugação do feminino no início do século XX é algo impregnado na cultura da sociedade Irlandesa da época, especificamente na capital. A mulher da metrópole é constantemente submetida ao posto de dona do lar e coloca-se em inteira disposição aos cuidados da família, mesmo que isso lhe custe a renúncia de seus interesses pessoais. Quais seriam as alternativas para uma vida independente de fato?

As relações entre conceitos regidos pelo meio social, sejam políticos ou culturais, incluído a religião, fazem parte da construção de identidade do ser humano. Desse modo, Eveline apenas introjeta o que lhe foi ensinado cotidianamente; o conceito de identidade que ela conhece é esse, não há como arrancá-los de si subitamente. Para transpor suas concepções e procurar uma mudança de fato, é necessário que haja uma desconstrução de cultura, dogmas e crenças que foram preestabelecidas desde sua infância, e isso leva tempo, não se desconstrói uma identidade repentinamente.

Assim, de um modo ou de outro, indo ou ficando, a moral e o construto social que regem Eveline continuam sendo os mesmos. Ao final, no porto, prestes a embarcar, ela se vê acuada, paralisada, sem conseguir lutar contra o destino ou fugir dele. Sua epifania é, na

verdade, ter a revelação de que provavelmente seu destino será o mesmo, seja na Irlanda ou alhures na Argentina. No primeiro caso, ela não sente amor do pai ou pelo pai e não tem perspectiva concreta de casar-se e constituir uma família em seu próprio país. O mesmo ocorre com Frank, pois ela imagina o amor apenas como uma possibilidade futura ao assumir que sequer o ama. Além disso, Eveline não tem qualquer garantia de que de fato se casarão e será senhora de sua própria casa, que será respeitada mesmo sendo uma estrangeira que deixou a família, esposa de um marinheiro, ou seja, um marido que viajaria por meses a fio e a deixaria sozinha. O ideal romântico de *A Jovem Boemia* se despedaça diante de seus olhos.

### Referências

AMARAL, V. A. do. *Literalmente Joyce: uma retradução de Dubliners*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

ATTRIDGE, D. Reading Joyce. \_\_\_\_\_. *The Cambridge companion to James Joyce*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BULSON, E. *The Cambridge Introduction to James Joyce*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

FARGNOLI, N.; GILLESPIE, M.. Patrick. *Critical Companion to James Joyce: A Literary Reference to His Life and Work*. New York: Facts on File. 2006.

GIACHINI NETO, E.; LÍMOLI, L.. Tempo e Espaço em Eveline de James Joyce. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR. 2003.

GIFFORD, D.. *Joyce Annotated: notes for Dubliners and A portrait of the artist as a young man*. 2nd Ed. Berkeley: University of California Press, 1982.

JOYCE, J. *Dubliners: Webster's Thesaurus Edition*. SanDiego: ICON Group International, 2005.

JOYCE, J. *Dublinenses*. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2012.

O'SHEA, J. R. Introdução. JOYCE, James. *Dublinenses*. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2012.

PIERCE, D. Cultural Nationalism and the Irish Literary Revival. *International Journal of English studies*. Universidade of Murcia – Espanha. IJES; Vol.2. 2002.

SAWYER, R. We are but women. *Women in Ireland's History*. Routledge; London and New York. 1993.

SPINKS, L.. *James Joyce: A Critical Guide*. Edinburgh University Press, 2009. 249 p.

TIGGES, W..“Derevaun Seraun!": Resignation or Escape? *James Joyce Quarterly*, vol. 32, no. 1, 1994, pp. 102–104. Disponível em [www.jstor.org/stable/25473617](http://www.jstor.org/stable/25473617). Acesso em 28 Março de 2021.

TINDALL, W. Y.. *A Reader's Guide to James Joyce*. New York: Syracuse University Press, 1995.

TOLENTINO, M. V.. Fernandes de. *James Joyce e a formação da nação irlandesa: História, Música e Literatura no Nascimento de uma Nação*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte. 1999.